

“Um exemplo da crise moral”, diz Mário Covas

por Clayton Bianchini
de Campinas

O senador Mário Covas, candidato do PSDB à Presidência da República, disse ontem que a viagem do presidente José Sarney à França, com toda a sua comitiva, representa “um deboche” frente à atual crise social e econômica vivida pelo Brasil. Para o senador, a viagem do presidente é um exemplo do que classificou como “crise moral” que afeta o Brasil.

“Este não é o momento de mordomia”, declarou Covas, a uma platéia de aproximadamente 600 estudantes que lotaram o centro de convenções da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para um debate com o candidato dos tucanos, que depois se encontrou com empresários da região.

CORAGEM

Um dos estudantes, na platéia, após declarar-se decepcionado com o PSDB pela escolha de Roberto Magalhães para vice na chapa de Covas, perguntou por que o partido escolheu o candidato vindo do PDS. E Covas: “Não tenho vergonha disso. Ele (Roberto Magalhães) demonstrou coragem vindo para o nosso partido”.

O senador disse também que gostaria de receber o apoio do empresário Ermírio de Moraes à sua candidatura. Descartou, entretanto, que o PSDB pretenda procurar Antônio Ermírio para o compromisso formal. E, no caso de um eventual apoio do em-

presário a sua candidatura, disse que não quer atrelar isso a um apoio da classe empresarial. “Não creio em apoio institucional”, afirmou.

CHOQUE DE CAPITALISMO

Aos empresários com quem almoçou o senador voltou a declarar que “o Brasil precisa de um choque de capitalismo”. E procurou deixar claro que este posicionamento não contradiz a postura que tem caracterizado sua carreira política. “O que defendemos é a atuação da iniciativa privada, mas com o lucro sendo resultado da atividade produtiva.”

Ao abordar a questão da dívida externa, Covas disse que o PSDB, caso assuma o governo, reserva-se o direito de adotar uma medida unilateral a esse respeito. Ele afirmou que isso significaria a moratória, esclareceu, entretanto, que esta medida não seria o fim, mas sim um meio de contornar o problema.

Questionado sobre as soluções que o seu plano de governo apresenta para a concentração do capital e da renda nas mãos de apenas duas centenas de grupos empresariais (conforme matéria publicada pela Gazeta Mercantil no dia 27 de maio de 1989), o candidato tucano respondeu que esta situação é fruto da insegurança gerada pela política econômica atual: “Se criarmos regras econômicas estáveis, o empresário voltará a investir no setor produtivo”, concluiu.